
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

O INTELLECTUAL BRASILEIRO AFRÂNIO COUTINHO: UM PERFIL

Vera Lucia T. Kauss (UNIGRANRIO)
verakauss@globo.com

RESUMO: Afrânio Coutinho foi, acima de tudo, um educador. Para ele, educação era o único caminho para o homem crescer enquanto ser humano e tornar-se capaz de conviver socialmente, de tornar-se útil à comunidade em que está inserido. Em vários momentos de sua jornada acadêmica, ele lutou e conseguiu implantar modificações na estrutura educacional com o objetivo de formar cidadãos críticos e capazes não apenas de exercer uma função técnica, mas de pensar e lutar por uma sociedade mais justa para todos.

PALAVRAS-CHAVE: educação; literatura; pensamento crítico; Universidade.

Como professora colaboradora do CEAC – Centro de Estudos Afrânio Coutinho, tive acesso aos discursos proferidos pelo professor Afrânio durante sua vida acadêmica. Ao fazer a leitura destes textos, me deparei com o perfil de um homem determinado, inteligente, arguto e, acima de tudo, um mestre que acreditava ser a educação o único caminho possível para o ser humano alcançar a civilidade, a capacidade de conviver em paz, respeitando tanto seu modo de ser como o do próximo, sem nunca deixar de buscar o conhecimento de si mesmo e do tempo em que vivia. Em seus textos, podemos observar o pensamento intelectual conscientemente trabalhando o desconstruir para construir algo novo e nosso, ou seja, de acordo com o Modernismo da geração de 45, a preocupação de focar o olhar no Brasil sem cair na xenofobia.

Não conheci Afrânio Coutinho pessoalmente, não tive a oportunidade de vê-lo em ação nem como professor nem em outro cargo dentre os vários que desempenhou ao longo de sua carreira. Pude perceber o orgulho que sentia por ter nascido na Bahia, terra sempre amada, cantada, e em cujos mistérios, desde o início de sua vida, percebeu o berço dessa característica marcante do Brasil: a mestiçagem étnica, mas, principalmente, a cultural. São várias as passagens de seus discursos em que fala desse tema; apenas para exemplificar, escolhi o que segue abaixo, tirado da “Saudação

a Eduardo Portella”, discurso¹ proferido por Afrânio Coutinho para recebê-lo na Academia Brasileira de Letras em 1981:

É que, civilização humanística a da Bahia, procura resolver os contrastes políticos e sociais pela conciliação e pelo diálogo, pela miscigenação e hibridismo, detestando os sectarismos e as posições extremas. Estou a ouvir a música celestial de seus milhares de campanários dobrando as Ave-Marias! Ainda escuto o batuque de seus atabaques, subindo do fundo dos vales e enchendo as suas noites de sonho e misterio. Bahia mágica!

Afrânio Coutinho cursou a Faculdade de Medicina da Bahia, mas, como ele mesmo diz em outro de seus memoráveis discursos, “a medicina foi para mim a mais amarga das decepções” (“Discurso de Saudação a Euvaldo Diniz”, 1931). Continuando a falar, ele nos diz que essa carreira não correspondeu aos sonhos, às expectativas que o jovem Afrânio havia tecido na imaginação: transformou-se o sonho encantador em miragem traiçoeira, em desencanto. Entretanto, como um bom brasileiro e baiano, lutador e conhecedor de sua capacidade intelectual, lançou-se na busca da carreira que lhe daria condições de evoluir e construir o seu lugar na sociedade de então: professor e crítico literário.

Começou, então, a lutar para conseguir alcançar uma estabilidade financeira, mas, principalmente o conhecimento que lhe desse condições de defender suas ideias. Como ele mesmo nos diz, apesar das decepções, não podemos deixar de sonhar; precisamos rever o caminho, refazer a jornada, repensar o objetivo e partir para a luta. Não teve dúvidas em aceitar o convite para trabalhar nos Estados Unidos e, como ele mesmo diz: “Ganhei experiência, e nada melhor do que o estrangeiro para fazer-nos perder as ingenuidades e a timidez” (“Discurso de Doutor *Honoris Causa* na Universidade Federal da Bahia”, 1981).

Estudando sempre, enfrentou aquilo que chamou de “um sinistro processo de tortura mental que herdamos, nós povos de tradição ibérica, dos tenebrosos tribunais da Inquisição”: o concurso (“Discurso de Posse na Cátedra de Literatura do Colégio Pedro II”, 1952). Para ele, além de não se justificar mais esse tipo de avaliação, ela ainda mostrava-se falha, precária e incapaz de medir, realmente, a capacidade intelectual do candidato. Para o professor e crítico: “Uma prova, na sua fugacidade dificilmente resumirá uma vida, e um intelectual honesto e sensível não assistirá sem amargura à sua vida de estudo e meditação ser estimada segundo o mesmo estalão que a um improvisador” (“Discurso de Posse...”, 1952). Além do mais, Afrânio Coutinho afirma que para ser um bom professor não basta passar nas provas de um concurso apenas, é necessário possuir misteriosa capacidade de transmitir conhecimentos que é sobretudo um dar de si constante, um generoso desfolhar de uma alma sobre outras almas” (“Discurso de Posse...”, 1952). O professor Afrânio deixa clara sua posição de que o processo de concurso para a escolha de professores catedráticos apresenta-se sob uma forma retrógrada e ineficiente e que não sofreu nenhuma mudança por

¹ Nota Bene: Os discursos serão mencionados por seus títulos ou formas reduzidas e ano; estão disponíveis em Coutinho & Kauss 2011).

causa do sentimento de inferioridade colonial que ainda perpassa o pensamento brasileiro.

Este é um outro tema que aparece em vários discursos de Afrânio Coutinho: a nossa formação mestiça, a carga pejorativa que lhe foi atribuída e, principalmente, aceita por nós, brasileiros, desde o início de nossa formação quando da chegada dos portugueses em nossas terras. Para o professor, “A nossa historiografia oficial via a história brasileira pelos olhos da Torre do Tombo” (“Discurso de abertura do II Congresso Cearense de Escritores”, 1974). Os povos que habitavam essas terras não tiveram chance de contar a sua versão dos fatos: foram inseridos em um segmento social criado pelo colonizador para formarem a base da pirâmide social aqui estruturada segundo o modelo trazido da Europa. A esse segmento, num processo homogenizante, deu-se o nome de “índio” e determinou-se que eles seriam a força de trabalho escravo na construção do Novo Mundo.

Ainda usando como base as palavras de Afrânio Coutinho, na história oficial, apenas os feitos e empreendimentos dos portugueses eram alçados à categoria de heróicos e contados como se fossem grandes façanhas de coragem; na realidade, essa maneira de narrar apenas servia para encobrir a violência e a ganância que perpassavam os atos destes homens que somente tinham em mente enriquecer para voltar a Portugal. Para ele, “na realidade, quem fez o Brasil foram os brasileiros” (“Discurso de abertura...”, 1974) e nós precisamos reescrever nossa história, mas não apenas com os olhos nos documentos da Torre do Tombo. Precisamos valorizar “os nossos arquivos – das prefeituras, das coletorias, das igrejas, dos particulares” (“Discurso de abertura...”, 1974), pois só assim conseguiremos contar nossa história a partir das fontes diversas que nos formam, ou seja, trabalhando as versões tanto dos vencedores como dos vencidos.

Neste sentido, em diversos momentos de seus textos, Afrânio Coutinho toca em um problema crucial para o resgate dessa memória histórica brasileira: a falta de preservação, de cuidado com os documentos de nosso passado. Segundo o professor, “deixamos que eles se destruam pelo tempo, pela umidade, pelas traças, pelo fogo, eternos inimigos do papel impresso” e, por isso, “ignoramos as histórias das nossas fazendas, das nossas pequenas cidades, dos nossos caminhos, da nossa vida econômica, das nossas famílias, da nossa administração anterior” (“Discurso de abertura...”, 1974). Por tudo isto, ainda seguindo o seu raciocínio, nossa história continua sendo parcialmente contada, pois, se não conhecemos nosso passado, não podemos contá-lo. Hoje, acompanhamos um movimento de resgate dessa história encoberta nas lutas empreendidas pelos segmentos marginalizados, os excluídos da sociedade colonial construída no Brasil pelos europeus das metrópoles imperialistas que aqui atuaram. Em vários textos, Afrânio Coutinho nos apresenta um pensamento bastante conectado às discussões que começavam a acontecer em torno do tema de construção das histórias das sociedades que se formaram no Continente americano após 1492-1500 e da necessidade de revisão dos parâmetros até então adotados.

Para ele, a literatura “é a melhor definição do caráter de um povo” (D“Discurso de abertura...”, 1974) e, realmente, ainda de acordo com suas palavras, “a literatura es-

crita no Brasil desde os albos da nossa vida nos oferece um retrato de nós mesmos” (“Discurso de abertura...”, 1974), ou seja, “a nossa autodeterminação foi conquistada por nós mesmos. Criamos um novo tipo de homem, com defeitos e qualidades, vivendo hábitos e costumes diversos dos da metrópole” (“Discurso de abertura...”, 1974). O encontro de culturas aqui acontecido desde os primeiros momentos de nossa existência vai deixar uma marca indelével em nossa formação: a mestiçagem tanto étnica como cultural.

Em vários trechos de seus discursos, podemos observar que Afrânio Coutinho procura mostrar que essa marca não nos inferioriza de maneira nenhuma, ao contrário, nos fortalece e enriquece enquanto cultura, enquanto um povo construindo sua identidade. O único problema que salta de suas palavras é a continuação do pensamento colonizado que está entranhado em uma parte dos brasileiros de seu tempo: ele luta bravamente para que o movimento de descolonização seja abrangente o bastante para promover a mudança na direção do olhar, a ponto de escrever uma obra inteira sobre o assunto (Coutinho 1983). Voltarmos para nós mesmos e nos olharmos sem o peso da inferioridade que nos foi conferida pelas metrópoles, esse o grande objetivo desse pensador, professor, intelectual brasileiro. Através de suas aulas, dos textos literários, entre outros recursos, ele procurava criar uma cultura crítica, uma capacidade de olhar criticamente para os acontecimentos nacionais e internacionais e pensá-los objetivamente, sabendo de que maneira eles nos atingiriam e como poderíamos transformá-los em favoráveis ao nosso desenvolvimento enquanto povo, enquanto nação.

Afrânio Coutinho orgulhava-se “de haver surgido para a vida literária numa época de efervescência e descolonização, em que a cultura brasileira assumiu a sua identidade conquistada através dos séculos” (“Discurso ao receber a Medalha ao Mérito Castro Alves”, 1986). Continuando seu discurso, afirma que essa autonomia aconteceu com o movimento modernista: com a antropofagia oswaldiana, a literatura brasileira desvencilhou-se dos laços que ainda a aprisionavam ao pensamento e modelo metropolitanos para caminhar com suas próprias pernas. Essa era uma das preocupações de Afrânio Coutinho, como ele mesmo nos diz:

Minha ação de escritor e crítico foi toda ela marcada por essa ideologia nacionalista. Graças à minha formação na Bahia e ao alargamento e aperfeiçoamento adquirido no estrangeiro, pude exercer uma atividade entusiasta e animadora no sentido dessa autonomia, a fim de contribuir para que o Brasil fosse senhor de si mesmo e consolidasse a forma própria de sua literatura, de acordo com a alta linhagem de seus escritores, de Gregório de Matos, a José de Alencar, a Castro Alves, a Gonçalves Dias, a Machado de Assis, a Mário de Andrade. Nós hoje possuímos uma literatura que é a maior das Américas e das maiores do mundo, graças aos movimentos contemporâneos. (Discurso de abertura do II Congresso Cearense de Escritores, 1974)

Afrânio Coutinho optou por abandonar a profissão de médico para abraçar, com entusiasmo, a carreira de professor e de crítico literário. Possuidor de um tempera-

mento de luta que não se omitia na hora de tomar uma posição com relação à doutrina assumida, provocava reações tanto positivas como negativas por parte daqueles com quem convivia. Para uns, ele era de direita; já outros o viam como esquerdista, mas Afrânio lutava para ser um homem livre, para não ter seu pensamento influenciado ou aprisionado em uma única possibilidade: queria sempre poder seguir a direção que escolhesse como a melhor.

Afrânio Coutinho assumiu a cátedra de Literatura Brasileira num momento crítico para a então Universidade do Brasil: ela não possuía nem mesmo um prédio com instalações que lhe desse a mínima condição de funcionamento. Desde o início, Coutinho vai se engajar na luta pela construção da cidade universitária, na ilha do Fundão. Mesmo não estando totalmente de acordo, a princípio, com o deslocamento por causa da distância em relação ao centro da cidade, resolveu que a Faculdade de Letras da UFRJ não poderia continuar a funcionar nas condições de então, ocupando instalações totalmente impróprias e em péssimas condições de conservação.

Desde 1964, vivia-se, no Brasil, o regime de ditadura imposta pelos militares e, com isso, o cerceamento da liberdade de opinião do povo. Afrânio Coutinho vivenciou esse momento como professor e como diretor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. No seu discurso de posse, ele fala desse assunto dizendo que se havia criado um juízo público sobre a fama de subversivos e agitadores para os alunos da Faculdade de Filosofia da UFRJ. Nesse mesmo texto, falando da falta de condições do prédio que a Faculdade ocupava então, dá uma reviravolta brilhante na situação ao dizer que “Se há contudo, maior cota de responsabilidade em muito do que ocorreu nesta Faculdade, não é aos estudantes que se deve atribuir. A culpa máxima cabe aos governos que relegaram esta unidade universitária à situação de paria, sem prédio, sem instalações, sem recursos, sem pessoal” (“Discurso de Posse na Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade Nacional de Filosofia”, 1965).

Para Afrânio Coutinho, os governos se achavam no direito de tudo exigir à universidade, mas, de uma maneira geral, muito pouco investiam tanto material como intelectualmente e, como ele disse: “às vezes se serve melhor ao país escrevendo belos poemas, do que construindo quartéis e adquirindo tanques de guerra e porta-aviões” (“Discurso de Posse na Cadeira...”, 1965).

Quando o sonho que parecia impossível – a construção dos prédios na ilha do Fundão – se tornou realidade, Afrânio Coutinho, como diretor da Faculdade de Letras, mesmo discordando dessa mudança, é quem vai à frente da transferência para lá. Como ele mesmo diz, no discurso de Paraninfo da turma de 1968, “nossa Faculdade está de pé” apesar dos problemas enfrentados por todos os segmentos: professores, funcionários e alunos, que abraçaram o ideal comum de construir uma unidade universitária, uma instituição de ensino de que todos pudessem se orgulhar. O professor enfrentaria muitas dificuldades para promover a reforma curricular e na maneira de ensinar que propunha: quebrar paradigmas tradicionais não é nada fácil. Segundo suas palavras: “Toda renovação – qualquer que seja o seu terreno de atuação – é subversiva” e, devemos levar em conta que a palavra subversão, naquele momento

histórico que vivenciava nossa sociedade, possuía um peso imenso e perigoso quanto à significação.

Em grande parte de seus discursos, Afrânio Coutinho pensa sempre a educação como único caminho capaz de transformar a humanidade. No texto “Tradição de Futuro do Colégio Pedro II”(1961), não apenas exalta a necessidade da educação, mas diz que “é pela educação, não pelo terrorismo, que um país se civiliza.” Ainda nesse texto, o professor afirma que para a educação cumprir sua função há a necessidade de um bom apoio pedagógico, o que não acontecia ainda – e continua não acontecendo realmente até hoje –, pois as reformas nunca foram efetivadas ou, se o eram, não correspondiam aos anseios dos educadores, pois apenas tinham a intenção de atender os interesses particulares. Como sempre, o professor Afrânio, ao abraçar uma causa, luta com todos os recursos que possui para se fazer ouvir; no caso, defende a utilização dos recursos financeiros governamentais destinados à educação na vasta rede de escolas públicas.

Cada um dos textos de Afrânio Coutinho traz a marca do professor: são verdadeiras aulas. Ao falar do ensino da Literatura, mais especificamente a brasileira, podemos sentir o entusiasmo, a vibração em cada palavra. São vários os textos que nos mostram a evolução da nossa literatura, os momentos decisivos e grandiosos, como, por exemplo, no discurso de saudação a José Paulo Moreira da Fonseca no PEN Club do Brasil, em junho de 1984, em que, após citar e explicar as modificações ocorridas em nosso Modernismo, afirma que “por volta de 1960, o Modernismo está morto.” O que não quer dizer que tudo havia se acabado, ao contrário, novos grupos apresentavam inquietações que levaram a manifestações precursoras de novos rumos que estavam surgindo para a criação literária, não só no Brasil, mas no mundo.

Afrânio Coutinho não separava o professor do crítico, como ele mesmo disse, “nunca entendi isoladamente essas duas manifestações, preferindo encará-las como aspectos irmãos do aperfeiçoamento de uma consciência crítica.” E ele sempre lutou pela reformulação do ensino, mas com a certeza de que a remodelação do método crítico se vinculava à transformação do ensino da literatura. Desde o início, Afrânio Coutinho lutou para fazer do ensino da literatura algo mais do que a simples memorização de nomes, datas e títulos das obras e dos textos literários além de apenas apoio para estudos de formas gramaticais ou de vocabulário. A intenção era centrar as atenções no texto e em tudo o que ele podia oferecer. E esse é o programa que Afrânio Coutinho consegue estabelecer para a Faculdade de Letras da UFRJ que, segundo ele, tudo faria para que se transformasse “num importante foco de atuação especializada, nos campos do ensino e da pesquisa linguística e literária” (“Aula Magna”, 1968).

Entre as preocupações que podemos observar perpassando os textos de Afrânio Coutinho, encontramos a que ele demonstra com relação à grande ênfase dada aos avanços tecnológicos em detrimento dos valores humanos. Para o professor, era fundamental que a sociedade entendesse a importância do ensino paralelo das letras e das ciências, pois só assim o homem seria preparado para trilhar o caminho do progresso tecnológico, mas sem negligenciar os valores humanos. Mais adiante nessa

Aula Magna de 1968, Afrânio Coutinho, citando Anísio Teixeira, diz que o brasileiro não sabe desempenhar nenhum ofício: “Não somos subdesenvolvidos, mas sim sub-instruídos. Ou melhor, somos subdesenvolvidos porque sub-instruídos. Não que não tenhamos uma pequena parte da população, uma elite, competente; mas a imensa maioria não recebe suficiente instrução para fazer funcionar uma ‘maquinaria desenvolvimentista’.”

Segundo Afrânio Coutinho, tornava-se prioritário para o Brasil sair do subdesenvolvimento e enfrentar a era do avanço tecnológico e industrial, mas só se teria oportunidade de êxito através da Universidade, ou seja, do estudo preparatório da população. E é da Universidade que sai “o homem médio produtivo, mediante o adestramento de suas aptidões e o cultivo de seu cérebro, de modo a torná-lo apto às tarefas técnicas e à convivência social.” Uma educação humanista, desde as mais remotas eras, é usada como principal recurso pelo homem para sua formação enquanto um ser integral. Afrânio Coutinho nunca titubiu em afirmar que a educação é o ponto de partida para o desenvolvimento tanto individual como o de um povo.

Ao assumir a tarefa de implantar uma nova mentalidade de ensino universitário na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Afrânio Coutinho não hesitou, pois já vinha lutando fazia algum tempo pela renovação nas diretrizes pedagógicas que orientavam o currículo daquela Instituição.

Desde que conheceu a Universidade americana, o professor Afrânio, ao chegar ao Brasil, desencadeou uma luta ferrenha em prol de uma “mudança de rumos e pela renovação de métodos – nos campos da crítica e teoria literárias e do ensino da literatura” (Coutinho 1975: 110). Afrânio Coutinho acreditava que é a educação a pedra angular da construção de uma sociedade civilizada, pois é com ela que se forma “a consciência civil, a consciência universitária, a consciência profissional.” Entretanto, para que se possa ter uma educação que funcione, “é mister, contudo, que se disponha de um bom sistema pedagógico” (“Aula Magna”, 1961). Foi exatamente essa a luta que desencadeou Afrânio Coutinho: reformular pedagogicamente o sistema educacional brasileiro, principalmente no âmbito da Universidade, particularmente na Faculdade de Letras.

Em vários textos de Afrânio Coutinho, encontramos a crítica acirrada que faz contra o que ele chamou de “atitude essencialmente burguesa do intelectual isolado da vida” (“Missão revolucionária do Cristianismo”, 1936), ou seja, num mundo moderno inquieto, angustiado, recém-saído da Segunda Guerra Mundial, que deixara um rastro de destruição, de barbárie, além da divisão provocada pela Guerra Fria entre as potências mundiais; mais particularmente, na América Latina, as ditaduras militares; enfim, num mundo moderno como aquele não havia mais espaço para “torres de marfim”, para escritores, para filósofos que pensassem “por pensar e não viver mais profunda e completamente” (“Missão...”, 1936).

Nesse texto de 1936, “Missão revolucionária do cristianismo”, Afrânio Coutinho nos fala sobre o que entende por humanismo. Num primeiro momento, ele nos apresenta dois tipos diferentes de revolução: a primeira é a “material, armada, exterior,

tomada abrupta do poder e subversão completa das instituições e da ordem antiga”; enquanto a segunda era “a espiritual, interior, de violência doutrinária, que não visa o poder nem o êxito imediato, revolução no homem e não nas instituições, que dura séculos se processando, porque uma mudança de estado de espírito não se faz da noite para o dia, nem à força de decretos, mas por um trabalho lento nas almas” (“Missão...”, 1936).

Seguindo com o texto, o professor continua desenvolvendo seu pensamento e, num determinado momento, chega à tese de que “a burguesia nasceu contra o cristianismo”, pois não foi o homem que a burguesia exaltou e colocou como centro de suas preocupações, mas o indivíduo isolado, egoísta, capaz apenas de pensar e lutar em favor de si mesmo. A burguesia afastou-se da noção eminentemente cristã do homem completo, integral como figura central do pensamento universal.

Ao lermos os textos “Discurso do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia” e “Missão Revolucionária do Cristianismo”, ambos de 1936, acompanhamos como Afrânio Coutinho desenvolve o raciocínio e nos leva a concluir junto com ele que a burguesia é que sempre foi o maior inimigo do Cristianismo, muito maior até mesmo do que o Comunismo de Marx e Engels. Nas palavras do professor: “O Cristo foi um magnífico reformador, e sua obra mudou a face da terra e a fisionomia da história. A mensagem cristã é eminentemente revolucionária” (“Missão...”, 1936).

O que Afrânio Coutinho acredita e luta para que aconteça quando trabalha a ideia do cristianismo como uma revolução é a constante capacidade de recriar-se do homem e é exatamente desse “homem novo” que necessita a humanidade para se desfazer dos obstáculos, das falsas aparências e de tudo que a oprima e retarde sua evolução. E, para o professor:

A pesquisa dessa nova conceituação é o trabalho dos escritores. Do escritor, porém, que não seja apenas literato, sociólogo, historiador, filósofo ou cientista. Do intelectual que não se limita. Do escritor que é tudo aquilo, possuindo, além daquilo tudo, essa qualidade superior que harmoniza, que integra o homem no verdadeiro sentido do humano - a sabedoria. Em uma palavra - do intelectual humanista. (“Discurso do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia”, 1936).

Quando defende o humanismo, o cristianismo enquanto uma revolução, talvez a mais extremista de todas, Afrânio Coutinho não está defendendo a instituição igreja de qualquer tipo. O que ele defende é a revolução permanente que Jesus pregava e exigia de todos os que o seguissem: o buscar-se intensa e constantemente para construir o homem novo. E, como sempre acreditou, esse homem surgiria “pela educação”, pois é através dela que “se realizará essa revolução interior espiritual” (“Discurso...”, 1936).

Como um homem de seu tempo, o pensamento de Afrânio Coutinho nos apresenta alguns postulados do Modernismo da Geração de 45. Após um primeiro momento de desconstrução, marcado pelo liberalismo, pela coloquialidade tão bem visualizados nas obras de Oswald e Mário de Andrade, entre outros, observamos uma retomada

dos postulados do fazer poético marcando o início de reconstrução com a geração de 1930 a 1945, de que faziam parte, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Vinicius de Moraes. Essa terceira fase, à qual pertence cronologicamente Afrânio Coutinho, não pretende uma ruptura com o Modernismo; pelo contrário, considera-se sua continuação, mas não sem um aprofundamento de suas conquistas. Como nos explica o próprio intelectual, essa terceira fase

não traz nada de novo. Usa-o em outra pauta. Sob uma forma em que domina a preocupação estética [...] Além disso, o período tem um sentido universalista, uma preocupação com o homem, graças a influências e leituras novas – Eliot, Proust, Valéry, Ungaretti, Fernando Pessoa, Rilke, Lorca, que produziram uma abertura grande para novos horizontes. (“Discurso de saudação a José Paulo M. Fonseca”, 1968)

Esta será, ainda segundo o professor, “uma geração aristocrática, mas que não rejeitava a contemporaneidade” e, com certeza, nosso autor encontrava-se à vontade junto a esses companheiros de caminhada os quais chamou de “jovens intelectuais inconformistas, dotados de sensibilidade aguda” (“Discurso...”, 1968) para os fatos que aconteciam no Brasil e no mundo. Apresenta-se sempre como um lutador, um guerreiro em defesa do que acreditava: a necessidade de uma melhor estruturação pedagógica do ensino brasileiro, a modificação urgente do ensino de literatura, até então tratada apenas como um adendo do ensino de língua portuguesa; enfim, uma voz que não se calava frente ao que não concordava, ao que não ajudasse na construção de um Brasil novo, vibrante, capaz; efetivamente, um país moderno.

Em outro texto, “Discurso de emergência na Universidade Federal do Rio de Janeiro” (1980), observamos o professor Afrânio Coutinho, como sempre, de dedo em riste apontando, mais uma vez, a falta de uma estrutura educacional como a fonte primeira de nossos maiores problemas enquanto um país moderno. Nesse texto, ele usa palavras duras ao dizer que: “Nosso sistema educacional é de fancaria, um faz-de-conta do primário ao superior, fornecedor de diplomas, máquina de jogar na sociedade uma malta de analfabetos ou débeis mentais que passam a dirigir o país nas diversas profissões”.

O professor Afrânio Coutinho, neste texto, levanta o problema do ensino técnico de qualidade, pois não apenas médicos e engenheiros são necessários para a construção de uma sociedade bem estruturada; também são fundamentais os profissionais técnicos, mas realmente qualificados para exercerem suas profissões. Mais adiante, nesse mesmo discurso, o professor aborda um outro tema, também ligado à educação: a elite. Para ele, “elite é, em toda parte, qualquer forma de poder. Quem está no poder (político, econômico, cultural) constitui uma elite. É a classe dirigente. É quem comanda os cordões da vida do povo” (“Discurso de Emergência...”, 1980). Para ele, não havia nenhum problema em ver a educação como um processo formador de elite, porque é exatamente essa a sua função. Para Afrânio Coutinho, “educar é qualificar, é melhorar, é tornar mais humana a pessoa humana ainda bruta, grossa, arestosa. Educar é torná-la apta à convivência social, é fazê-la útil à comunidade pela

capacidade de trabalho e pela competência” (“Discurso de Emergência...”, 1980). O professor Coutinho era contrário a toda estrutura educacional que buscasse facilitar o aprendizado, pois a considerava deficitária, pois não levava o aluno a desenvolver suas competências em relação à vida, à sociedade e não formava cidadãos críticos.

Afrânio Coutinho fez uma opção ao afastar-se da Medicina e abraçar o que chamou de “pedagogia das letras” que designou como sendo “uma forma digna de exercício da pedagogia do homem” (“Aula Magna”, 1968) Essa escolha, uma vez feita, levou-o a mergulhar no estudo, na busca do conhecimento e no trabalho. Durante toda a sua caminhada acadêmica, não mediu esforços para conseguir alcançar seu objetivo enquanto mestre: uma educação de qualidade, baseada em um currículo bem estruturado e organizado. Com um olhar arguto e crítico, lutou por aquilo que considerava necessário para tirar a Universidade brasileira do que acreditava ser uma postura retrógrada e limitada enquanto centro de promoção do conhecimento. Qualquer que fosse o cargo que ocupasse – professor, jornalista, diretor da Faculdade de Letras da UFRJ, por exemplo, – assim que assumia, desencadeava uma luta ferrenha pela renovação de métodos tanto no campo da crítica e teoria literária como no do ensino da literatura.

O caminho percorrido pelo Professor Afrânio Coutinho, em qualquer cargo que estivesse exercendo, nos revela um intelectual consciente de sua função na sociedade e disposto a lutar por aquilo em que acreditava: a capacidade do homem para mudar o que necessitava ser revisto e criar o novo a partir da desconstrução do que se tornara obstáculo ao progresso, à evolução tanto do brasileiro como do Brasil.

OBRAS CITADAS

COUTINHO, Afrânio. 1983. *O processo da descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

COUTINHO, Eduardo de F. & KAUSS, Vera Lucia T. 2011. *Discursos de Afrânio Coutinho*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.

ABSTRACT: Afrânio Coutinho was, above all, an educator. Education was, to him, the only way man would grow as human being, enable himself to live socially and to become useful to his environment. Along several moments of his academic journey, he struggled and succeeded in implementing changes at educational social structure in order to prepare citizens who were able not only to perform technically, but to think and make a fair society a reality.

KEYWORDS: education; literature; critical thinking; university.

Recebido em 5 de junho de 2011; aprovado em 30 de dezembro de 2011.